

JORNAL ABAIXO ASSINADO JPA

O jornal das lutas comunitárias e da cultura popular

Ano 21 - Setembro de 2026 - Nº 202

(21) 97246-2213 • jornalabaixoassinado@yahoo.com.br • facebook.com/jaajrj • instagram - @jaajrj

EDITORIAL

Há fortes razões para votarmos em Lula para presidente

O mundo vive uma situação de guerra, delicada e perigosa. Em vez de alianças voltadas à produção de alimentos para combater a fome, à defesa da saúde da humanidade, à moradia e ao trabalho, assistimos ao fortalecimento de alianças destinadas à produção de armamentos e armas nucleares.

O conflito entre Rússia e Ucrânia, a devastação da Palestina, os inúmeros conflitos no continente africano, o autoritarismo do presidente americano, o crescimento da fome e da miséria, a negligência diante da emergência climática e a corrida pelo controle da Inteligência Artificial levam o planeta a uma profunda instabilidade.

O mundo deseja viver em paz. Nesta hora delicada, o Brasil não pode ser conduzido pela mediocridade, pela incompetência ou pela falta de compreensão dos acontecimentos. O país precisa de liderança e de respeito internacional.

O Brasil tem hoje na Presidência da República Luiz Inácio Lula da Silva, uma liderança política com longa experiência internacional e presença ativa nos debates mundiais.

É reconhecido o papel que Lula desempenha na construção de posições brasileiras diante dos grandes desafios internacionais. Sua atuação envolve a América Latina, a África, a China, os Estados Unidos, a Europa e o

diálogo histórico do Brasil com o Ocidente e com os diferentes blocos que se consolidam diante das transformações do cenário mundial.

O Brasil é importante no mundo. Não pode fugir de seu papel. Tem o dever de procurar compreender o que acontece e atuar, dentro de suas possibilidades, em defesa de seus interesses e de uma ordem internacional mais pacífica e equilibrada.

Não podemos perder nossa soberania, muito menos ficar de joelhos diante de interesses estrangeiros. Se o candidato apoiado pelo bolsonarismo vencer as eleições, haverá o risco, em nossa avaliação, de uma maior submissão às pressões e aos interesses do governo Trump. Está em jogo nossa soberania. O Brasil precisa decidir seus próprios caminhos.

Por isso, defendemos que o povo brasileiro conduza Lula a um novo mandato. Neste momento de enormes desafios no planeta e no Brasil, entendemos que sua experiência e sua atuação internacional são importantes para a defesa dos interesses brasileiros e para o enfrentamento dos problemas nacionais.

Mas Lula pode e deve fazer mais pelo Brasil.

Um novo mandato terá de avançar em um programa mais ousado de criação e fortalecimento dos serviços públicos de proteção social; realizar investimentos signifi-

cativos em saúde e educação; combater de forma sistemática o crime organizado; aperfeiçoar a regulação estatal da economia; enfrentar com maior determinação a emergência climática; e impulsionar políticas capazes de reduzir as desigualdades econômicas e sociais.

Também será necessário conclamar a sociedade brasileira a acompanhar e cobrar o Congresso Nacional, onde estarão em disputa diferentes projetos para o país. A democracia não termina nas eleições: ela exige participação, organização social e fiscalização permanente dos poderes públicos.

No dia 4 de outubro, esperamos que o resultado das urnas expresse a escolha soberana do povo brasileiro.

A eleição de Lula para um novo mandato representaria, para nós, uma mensagem de continuidade e de esperança diante de um mundo marcado por conflitos, desigualdades e incertezas. Mais do que isso, abriria a possibilidade de um novo ciclo de diálogo com o povo brasileiro e com a comunidade internacional.

É hora de o Brasil reafirmar sua soberania, sua vocação para o diálogo e seu compromisso com a paz, a democracia, a justiça social e a construção de um futuro melhor.

Sim, Lula pode mais pelo Brasil.

Jacarepaguá em seus 432 anos de história e lutas

Jacarepaguá não é apenas um lugar onde moramos: é a história que construímos juntos e o futuro pelo qual continuamos lutando

- Complexo de data centers pode deixar Jacarepaguá com graves problemas de falta de água e luz (Página 3)
 - Os números absurdos de acidentes com motocicletas (Página 2)
 - Cidade de Deus faz resgate da história do território (Página 8)
- Os 432 anos de Jacarepaguá (Páginas 4 e 5)
 - A arte Luciliane Tomé (Página 7)
- Jacarepaguá é terra Tupinambá (Página 6)

NOTA DE PESAR | TECA CERAMISTA TEREZA MARIA DA SILVA

19/07/1956 – 14/09/2026

Teca Ceramista construiu uma expressiva história de lutas em defesa de Jacarepaguá e do povo oprimido. Nossa região perde uma mulher guerreira, de luta e de profunda dedicação à sua comunidade.

Coordenadora da Casa do Artesão, Assistente social e ativista social, Teca foi uma defensora incansável da cultura e do desenvolvimento de Jacarepaguá. Esteve presente em projetos, lutas, articulações e em tantos momentos importantes da história das lutas comunitárias de nossa região.

Onde havia uma possibilidade de fazer algo bom por este território, Teca estava pronta para somar.

Seu afeto permanece.
Sua luta permanece.
Seu legado permanece.



*Teca no Fórum Popular de Jacarepaguá
Teca, presente!*

Neste momento de dor, manifestamos nossa solidariedade aos familiares, amigos, companheiros e a todos que tiveram a oportunidade de compartilhar sua caminhada.

Nossa homenagem, nosso carinho e nossa gratidão.



Bianca Lopes
Jornalista e
colaboradora
voluntária
do JAAJ

Estatísticas apontam número absurdo de acidentes com motocicletas

O site do Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro informa sobre o aumento dos acidentes com motocicletas com números alarmantes, muitas mortes e mutilações permanentes.

Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea, 40% dos óbitos no trânsito são decorrentes de motocicletas, cujos acidentes representam 60% do custo do Sistema Único de Saúde (SUS).

O site G1 informa que há 144 acidentes com motocicletas, em média, por dia no Estado do Rio de Janeiro.

O Detran/RJ oferece, gratuitamente, em sua sede do Centro do Rio de Janeiro – Avenida Presidente Vargas, 817 –, cursos para motociclistas que transportem passageiros ou mercadorias ou prestem serviços comunitários. Informações no site do Detran/RJ no setor de Educação.

O médico Antônio Amarante, major do Corpo de Bombeiros/RJ, defende a intensificação de campanhas de conscientização sobre uso de capacete, respeito aos sinais de trânsito e aos limites de velocidade. Ele defende ainda o aumento da fiscalização para coibir infrações incluindo o consumo de álcool e drogas.



Major Amarante, do CBMERJ, defende campanhas de educação e fiscalização

Para Amarante, é preciso mudar a legislação, estabelecendo maior rigor punitivo em casos de acidentes de trânsito com culpabilidade comprovada, tanto na esfera civil, quanto criminal, especialmente quando envolvam vítimas graves ou fatais.

Outra questão apontada pelo Major do Corpo de Bombeiros, a infraestrutura das vias urbanas e estradas brasileiras não é favorável à prevenção de acidentes devido à falta de manutenção, com muitos buracos nas vias, deficiência de sinalização e poucos agentes de trânsito.

A criação de vias exclusivas para motocicletas é uma alternativa apontada por Amarante, em conjunto com ações educativas, para reduzir o número de acidentes.

Josildo Agripino da Silva, 58 anos, motorista de ônibus aposentado e motociclista desde 1991, sofreu dois acidentes. O mais grave resultou de uma aposta para percorrer mais de 20 km em 10 minutos. O excesso de velocidade acabou em um acidente que o deixou três meses internado no Hospital Adão Pereira Nunes. Daí em diante, Josildo nunca mais quis subir em uma motocicleta.

O serralheiro Franklin Alves do Carmo, 32 anos, motociclista desde 2022, ficou imprensado entre um ônibus e uma carreta em uma via na Baixada Fluminense. Caiu embaixo da carreta, mas conseguiu girar o corpo e se livrar das várias rodas do veículo, sofrendo pouquíssimos arranhões. A motocicleta foi perda total. O susto com o acidente foi enorme, mas não o suficiente para que Franklin abrisse mão desse meio de transporte.



Josildo Silva teve a lição e aprendeu



Franklin Alves teve sorte

O carreiro Magno Xavier dos Santos, 58 anos, é motociclista desde 18 anos. Acidentou-se, segundo ele, para evitar o atropelamento de uma pessoa idosa que atravessou a via inadvertidamente. Sofreu apenas alguns arranhões, continua a usar motocicleta e defende seu uso com responsabilidade.

Os motociclistas precisam de educação no trânsito, pilotar com consciência e responsabilidade, pois estamos com uma arma nas mãos com a qual podemos matar ou morrer.

Na ultrapassagem devemos ganhar dis-



Magno Xavier fala sobre a importância de respeitar as regras do trânsito

tância e não entrar logo à frente do veículo ultrapassado, diz Magno, lembrando que as motocicletas não têm frenagem instantânea e precisa, portanto, também é preciso manter distância do veículo que está à frente.

Para Magno, as faixas seletivas para motocicletas seriam a solução final junto com a responsabilidade e consciência dos motociclistas para diminuir esses números assombrosos e alarmantes de acidentes.

Pedro Gomes da Silva, 63 anos, entregador de água mineral no Centro do Rio de Janeiro, perdeu o genro, Marcelo Couto dos Santos, moto-taxista de 41 anos, em um acidente na Ponte Rio-Niterói em agosto deste ano quando levava uma passageira em seu mototáxi. Ele bateu em um caminhão parado na via devido a um pneu furado.

A passageira nada sofreu, mas Marcelo teve traumatismo torácico e, socorrido, faleceu no Hospital Sousa Aguiar, deixando a esposa e uma filha de 12 anos, justamente no Dia dos Pais.

Ao conhecer a história de cada uma das pessoas ouvidas nessa reportagem e observar as estatísticas, aumenta o desejo de que a sociedade e as autoridades tomem consciência e atitude para reduzir esses números que saltam aos olhos. Na verdade, não é necessário procurar números, basta andar nas vias e observar os acidentes.



Marcelo Couto perdeu a vida num acidente com moto

Serafim ADVOGADOS
Gomes

CONSULTORIA TRABALHISTA

- SerafimGomesAdvogados
- @serafimgomesadvogados
- <http://serafimgomesadvogados.com.br>
- (21) 2240-0338 / 2524-4335
- (21) 97232-9524



EXPEDIENTE

JORNAL ABAIXO ASSINADO JPA
O jornal das lutas comunitárias e da cultura popular

Distribuição gratuita pelos bairros e comunidades da Baixada de Jacarepaguá

Conselho Editorial: Almir Paulo, Cláudio Mattos, Cíntia Travassos, Dona Jane, Dona Penha, Douglas Aguiar (Em Memória), Humberto Peixoto, Ivan Lima, Jane Nascimento, João Magalhães, Luiz Claudio, Manoel Meirelles (Em Memória), Maraci Soares,

JAAJ é uma publicação da Rede Popular de Comunicação (RPC) e da IPL Clipping
CNPJ 31.555.759/0001-64.
Críticas, sugestões e reclamações:
jornalabaixoassinado@yahoo.com.br Tel (21) 97246-2213

****As matérias assinadas são de responsabilidade dos autores.**
****Todo material enviado ao E-mail, Site e Facebook do jornal é autorizado automaticamente para a divulgação e também não é gratificado.**

Marcus Aguiar, Pablo das Oliveiras, Renato Cosentino, Renato Dória, Roberta Azevedo, Roberto Senna (Cabras) (Em Memória), Severino Honorato, Silvia da Costa, Val Costa, Valmiria Guida, Vaneide Carmo, Vanessa Guida e Wladimir Loureiro.

Coordenação Geral: Almir Paulo, Maraci Soares, Silvia Costa e Val Costa.
Diagramação e Arte: Jane Fonseca.
Gestora de Redes Sociais: Silvia da Costa.
Revisão: Vânia Santiago.



Felipe Lucena
Jornalista
e roteirista

Complexo de data centers pode deixar Jacarepaguá com graves problemas de falta de água e luz

Especialistas alertam que esses centros de dados (também chamados de "nuvens") são grandes computadores que consomem muito recurso hídrico, energia elétrica, além de provocarem barulho e gerarem lixo eletrônico

O Rio AI City, complexo de data centers previsto para ser o maior da América Latina, será construído na região do Parque Olímpico. A Prefeitura vem divulgando amplamente esta iniciativa.

A Elea Data Centers, responsável pelo projeto, anunciou, durante o Web Summit Rio deste ano, um aporte de US\$ 550 milhões para construir o complexo voltado à inteligência artificial que pretende transformar a capital fluminense em um dos 10 maiores polos globais do setor até 2032.

Os recursos fazem parte da primeira fase do processo de aquisição da empresa pela gestora global de infraestrutura I Squared Capital e, de acordo com os envolvidos, representam o início de um ciclo de expansão que poderá alcançar US\$ 10 bilhões nos próximos anos.

O projeto prevê a construção de um campus de inteligência artificial com capacidade inicial de 1,8 gigawatts até 2027 e expansão para 3 gigawatts até 2032.

Entretanto, uma ideia grandiosa como essa vem conectada a possíveis problemas. Es-

Crédito: Divulgação



Imagem de como será o projeto

pecialistas alertam que esses centros de dados (também chamados de "nuvens") são grandes computadores que consomem muita água e energia elétrica.

"Em um cenário de intensificação das mudanças climáticas, com maior frequência de secas severas e eventos climáticos extremos, a presença de consumidores intensivos de água pode agravar pressões já existentes sobre os recursos hídricos", alerta o professor **Daniel Caixeta Andrade**, do Instituto de Economia

e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

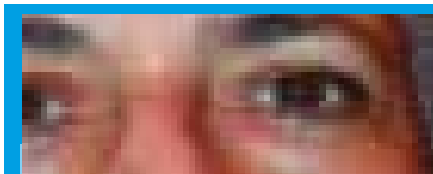
De acordo com o pesquisador **Lourenço Galvão Diniz Faria**, economista pela UFU que atua como consultor em transições e regulação energética, economia circular, inovação e sustentabilidade, um data center de tamanho médio consome o mesmo que mil casas e os maiores podem gastar o equivalente a 10 mil a 50 mil casas, ou seja, o mesmo que uma pequena cidade. "Hoje existem tecnologias

que prometem reduzir esse consumo e aumentar a eficiência desses sistemas, mas sempre haverá um consumo significativo à medida que os servidores aumentam de tamanho e capacidade de processamento".

Existem, ainda, outros impactos como o lixo eletrônico, uma vez que os equipamentos são substituídos periodicamente em busca de maior eficiência de processamento. Há também a poluição sonora. "O zumbido constante de servidores e sistemas auxiliares cria níveis de ruído significativos e persistentes que podem chegar a 80 dBA [decibéis ponderados], comparáveis aos de um soprador de folhas no entorno desses empreendimentos. Isso pode afetar comunidades próximas e animais silvestres", explica **Lourenço Galvão Diniz Faria**.

Ambientalistas e militantes da Baixada de Jacarepaguá, Barra, Recreio e Vargens já temem as consequências da instalação deste complexo de data centers na região do Parque Olímpico.

"Não está havendo diálogo com os moradores para explicar o projeto. E pode ter certeza: se for mesmo instalado, vamos ter problemas de falta de água e de luz por aqui", disse uma militante do meio ambiente e moradora que preferiu não ter o nome citado na reportagem.



Observatório Popular

Juçara Braga - Jornalista

Vamos descontaminar nosso voto

Estamos a menos de um mês de um momento importantíssimo para o nosso futuro. Dia 03 de outubro vamos às urnas depositar um voto que definirá os rumos do País nos próximos quatro anos.

É claro que a disputa pela cadeira principal do Palácio do Planalto, a de presidente da República, leva a golpes baixos aqui e ali, fake news salteando em cima de nós, eleitores.

Manipulações editoriais da grande imprensa puxam a sardinha para o lado que a interessa. É aí que reside o perigo.

Vamos separar o joio do trigo

Precisamos entender o que é informação e o que é manipulação. No rádio e na TV, o tom de voz de âncoras e a linha articulada por colonistas deixam claro para que lado pesa a balança.

Nos veículos impressos a carga não é mais leve. A turma do andar de cima defende claramente seu establishment, seu poder e posição no extrato social.

O presidente Luís Inácio Lula da Silva, candidato à reeleição, incomoda essa turma porque seu modo de governar é inclusivo, considera o andar de baixo, os



interesses das classes menos favorecidas nessa nossa sociedade tão desigual.

Não ao retrocesso

Vamos dizer sim ao que nos aproxima, nos integra e conduz a uma sociedade mais justa e igualitária. A caminhada é longa, não é fácil. Mais lenta do que gostaríamos, mas está sendo implementada no Governo Lula. Ao contrário do que vimos na gestão anterior que teve à frente uma família que agora tenta voltar ao poder.

Sim a parlamentares progressistas

No dia 03 de outubro decidiremos também quem ocupará a principal cadeira

do Palácio Guanabara. Quem nos representará na Assembleia Legislativa (Alerj), no Senado e na Câmara dos Deputados Federais. Não nos deixemos enganar por conversinhas das Ruas.

Na Alerj, vamos expurgar a banda podre. Na Câmara e no Senado, eleger parlamentares progressistas. Vamos tirar os chantagistas, aqueles que querem orçamento secreto pra levar nosso dinheiro aonde quiserem sem nosso conhecimento.

Descontamine o seu voto!



Yakaré Upá Guá

Val Costa - texto e fotos
Pesquisador do IHBAJA
e professor de
História e Geografia

A ideia de que a História brasileira só teve início com a chegada dos colonizadores europeus esconde um eurocentrismo excludente, reduzindo ou ignorando milênios de dinâmicas sociais e culturais dos sambaquieiros e dos indígenas que já habitavam o nosso território muito antes da colonização lusitana.

A Baixada de Jacarepaguá era habitada por povos Tupinambás muito antes da invasão europeia no século XVI. Esses indígenas viviam em aldeias localizadas em pontos estratégicos, como os atuais bairros da Taquara e do Camorim. O destaque fica para a grande taba *Takûarusutyba*, onde os povos originários usufruíam da imensa fartura natural oferecida pela bacia do Rio Grande e pelo complexo de lagoas. Eles baseavam sua subsistência na pesca, na caça e na agricultura.

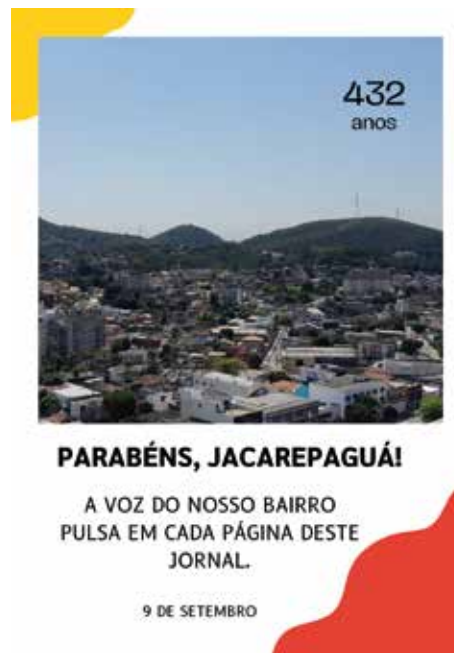
Em 1555, colonos franceses liderados por Nicolas Durand de Villegagnon invadiram a Baía de Guanabara com o objetivo de fundar a colônia da França Antártica. Os

Para além da fundação: Por que a idade de um bairro não começa com o colonizador?

tupinambás apoiaram essa ocupação através da formação da Confederação dos Tamoios, pois desejavam se livrar da opressão e da escravização promovidas pelos portugueses.

Durante essa disputa, foi constituída no dia 1º de março de 1565 a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Estácio de Sá, seu fundador, morreu em decorrência de uma flechada no rosto, no dia 20 de fevereiro de 1567. Substituiu-o no governo da Capitania do Rio de Janeiro seu primo, Salvador Correia de Sá. Nesse mesmo ano, o governador doou sesmarias na planície costeira compreendida entre o Maciço da Tijuca, o Maciço da Pedra Branca e o Oceano Atlântico, para dois auxiliares administrativos: Jerônimo Fernandes e Julião Rangel.

Em 9 de setembro de 1594, os filhos de Salvador Correia de Sá, Martim Correia de Sá e Gonçalo Correia de Sá, solicitaram ao pai as terras da Baixada de Jacarepaguá, alegando que os sesmeiros originais não



havam desenvolvido nenhuma atividade econômica nelas. Esse dia foi estabelecido pela Lei Nº 5146, de 7 de janeiro de 2010,

como o Dia de Comemoração do Aniversário do bairro de Jacarepaguá.

Apesar de a celebração já ter se consolidado neste período do ano, alguns pesquisadores e lideranças locais questionam a data do aniversário de Jacarepaguá. Para tal, argumentam que a Freguesia de Nossa Senhora do Loreto e Santo Antônio de Jacarepaguá só foi criada em 6 de março de 1661, pelo então governador do Rio de Janeiro, João Correia de Sá.

De qualquer maneira, essas duas datas estão associadas ao processo de colonização e ocupação da região pelos portugueses, deixando de lado o imenso legado dos povos originários para a construção da identidade e da memória local. Eles não apenas batizaram esse território — *îakaré* para jacaré, *upá* para lagoa e *guá* para baixada ou enseada —, mas também legaram saberes ancestrais de manejo ambiental e vias de locomoção que traçaram os primeiros caminhos da região.



História da Região

Leonardo Soares dos Santos
Professor de História da UFF
e pesquisador do IHBAJA

A Barra da Tijuca como a “nova Copacabana”

Enquanto a grilagem de terra rolava solta em Jacarepaguá nos anos 1940 e 1950, atingindo pequenos lavradores, a imprensa nem dava bola. Foram inúmeros os casos, mas foram poucos os jornais que se dedicaram a cobrir os acontecimentos em detalhes e com profundidade. Mas quando a Barra da Tijuca foi eleita como área de expansão voltada para as classes médias altas, a questão passou a ser considerada prioritária.

A esse respeito é bastante ilustrativa a reportagem publicada no *Jornal do Brasil*, em 27 de outubro de 1968 (1º Caderno, p. 43): “Região cheia de problemas — em virtude de seu crescimento desordenado e irregular — a Barra da Tijuca, Baixada de Jacarepaguá e Recreio dos Bandeirantes tem nos grileiros seu maior obstáculo para a urbanização”.

Mas para o jornal isso não era problema quando a região servia “à agricultura e à pecuária do antigo Distrito Federal”, como o mesmo jornal reconhece, apontando que tal desinteresse poderia estar ligado ao fato desse “complexo geográfico”

(Barra da Tijuca, Recreio dos Bandeirantes e a Baixada de Jacarepaguá) ter “pequeno valor fundiário” quando fazia parte do cinturão verde da cidade.

Mas a expansão da cidade para aquelas bandas modificaria o olhar da imprensa tradicional, ligada às elites econômicas e políticas do Rio (e que eram também do país). A Barra da Tijuca era vista como a extensão da zona sul. Daí que o preço do mercado imobiliário tenha dado um grande salto. Passou a ser lucrativo investir naquelas terras. Mesmo que isso representasse um risco, segundo o jornal: “Com o aumento da cidade — não só demográfico, como industrial — passou a ser altamente compensador aplicar capital naquelas áreas, na compra de terrenos sub judice, como também de posses”. Mas esse crescimento (populacional e do mercado imobiliário) não foi espontâneo. O poder estatal despejou enorme dinheirama pública para embelezar uma área específica da cidade. E para que isso realmente acontecesse era preciso acabar

com a agricultura local. Na visão acrítica do jornal, tratou-se simplesmente de um processo de substituição, o atrasado foi superado pelo moderno, de maneira tranquila, sem conflitos: “Depois da supervalorização daquela área, inverteram-se somas vulto-

para o disfrute de qualquer grupo, gente ou classe. A “nova Copacabana” não toleraria pobres. Eles seriam despejados para que o novo cenário fosse estabelecido.

Contudo, um personagem também quis faturar com todo esse crescimento: “Surgiram então os grileiros, atravessadores que coagem, falsificam documentos e se instalam em terrenos da Marinha (aqueles situados nas margens de rios e lagoas, até onde se faça sentir a influência das marés, numa profundidade de 33 metros do preamar médio)”.

Uma versão sobre os acontecimentos equivocada. Porque os grileiros já lá estavam desde pelo menos os anos 1930. O investimento do governo certamente potencializou os seus planos de ganhar dinheiro com a venda de terras na região.

Mas tal atuação só se tornou um problema (para a imprensa) na medida em que ele pudesse atrapalhar os planos de efetivação da “nova Copacabana”.

Foi notícia no Jornal do Brasil, em 27 de outubro de 1968 (1º Caderno, página 43):
“Região cheia de problemas — em virtude de seu crescimento desordenado e irregular — a Barra da Tijuca, Baixada de Jacarepaguá e Recreio dos Bandeirantes tem nos grileiros seu maior obstáculo para a urbanização”.

sas e o lavrador e o criador cederam seus lugares à urbanização”.

Detalhe esse que mostra que a valorização das terras da Barra não foi pensada



Magnus Alves
@mpa.escriptor

Jacarepaguá em seus 432 anos de história

Muito antes das ruas, das avenidas e dos condomínios que hoje ocupam a região, existia uma vasta paisagem formada por lagoas, rios, florestas e montanhas. Era uma terra conhecida e habitada pelos povos indígenas, que durante séculos viveram em estreita relação com a natureza e deixaram marcas profundas na identidade local. O próprio nome Jacarepaguá, de origem tupi, preserva parte dessa herança ancestral.

Ao longo do século XVI, a região da Baía de Guanabara tornou-se palco da disputa entre europeus pelo controle do território. Franceses estabeleceram alianças com grupos indígenas e tentaram consolidar sua presença na região, enquanto os portugueses avançavam sobre as terras que reivindicavam para a Coroa. Com a expulsão definitiva dos franceses, em 1567, os portugueses passaram a fortalecer a ocupação do interior da Guanabara, abrindo caminho para a expansão colonial em áreas como a Baixada de Jacarepaguá.

A data que marca oficialmente a origem de Jacarepaguá é 9 de setembro de 1594. Naquele dia, o governador Salvador Correia de Sá concedeu uma carta de sesmaria a seus filhos, Martim de Sá e Gonçalo Correia de Sá. O documento é considerado o marco fundacional da região e deu início ao processo de ocupação colonial que transformaria a paisagem ao longo dos séculos.

Nas décadas seguintes, as terras foram sendo divididas, cultivadas e ocupadas. Em 1661, outro importante capítulo foi escrito com a criação da Freguesia de Nossa Senhora do Loreto e Santo Antônio de Jacarepaguá. A igreja tornou-se um ponto de referência para moradores e proprietários rurais, ajudando a organizar a vida social, religiosa e administrativa da região.

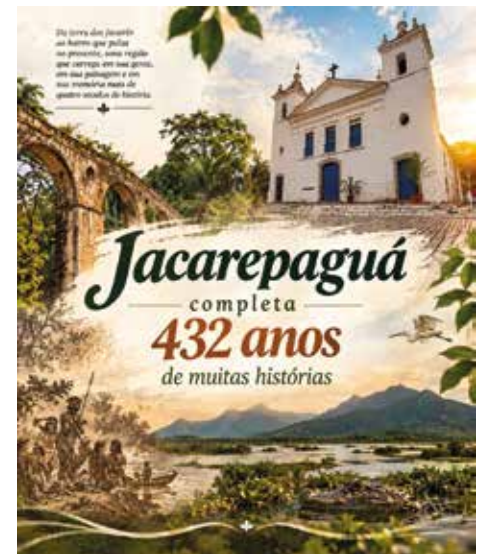
Foi a partir desse período que Jacarepaguá consolidou sua vocação agrícola. Engenhos e fazendas espalharam-se pela baixada, formando a famosa Planície dos Onze Engenhos. A produção de açúcar impulsionou a economia local durante boa parte do período

colonial, sendo posteriormente acompanhada pelo cultivo do café.

Por trás dessa prosperidade, porém, estava uma realidade marcada pela escravidão. Primeiro indígenas foram submetidos ao trabalho forçado. Depois, milhares de africanos escravizados foram trazidos para trabalhar nos engenhos, fazendas e plantações que sustentavam a riqueza da região. A história de Jacarepaguá também é a história dessas pessoas, de seu sofrimento, resistência e contribuição para a formação cultural do território.

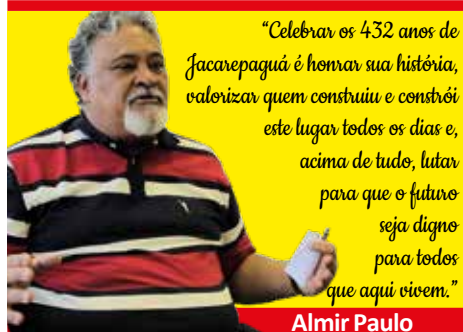
No século XIX, a região assistiu ao fortalecimento de grandes propriedades rurais e ao surgimento de personagens que marcaram sua trajetória, entre eles Francisco Pinto da Fonseca Teles, o Barão da Taquara. Seu nome permanece ligado a uma época em que Jacarepaguá ainda conservava características essencialmente rurais, mesmo diante das transformações que aproximavam a região da cidade em expansão.

Hoje, 432 anos após a concessão da sesmaria que deu origem à sua ocupação co-



lonial, Jacarepaguá continua em constante transformação. Entre memórias indígenas, igrejas centenárias, antigos caminhos, fazendas, bairros e novas paisagens urbanas, a região preserva uma história que atravessa gerações.

Celebrar Jacarepaguá é celebrar todos aqueles que construíram essa trajetória. É reconhecer que, muito antes de ser bairro, Jacarepaguá já era uma terra de encontros, desafios, trabalho, resistência e pertencimento — uma história que continua sendo escrita todos os dias sob o olhar das montanhas da Pedra Branca.



Almir Paulo

Jacarepaguá completa 432 anos e tem muitos motivos para comemorar. Quem vive na região conhece suas histórias, suas belezas, sua diversidade cultural e, principalmente, a força de seus moradores. Mas o aniversário também é um momento para olhar para os problemas que fazem parte do cotidiano de quem mora e trabalha no território.

Com cerca de 127,8 km² e formado por diversos bairros, Jacarepaguá é uma das áreas mais extensas e populosas da cidade do Rio de Janeiro. O crescimento da população trouxe novos desafios e tornou ainda mais urgente a discussão sobre infraestrutura, transporte, educação, saneamento e preservação ambiental.

Um dos principais problemas enfrentados pelos moradores é o **transporte público**. Para muitas pessoas, deslocar-se diariamente para o trabalho, a escola ou outros serviços significa enfrentar longos períodos de espera, trânsito e veículos lotados. A deficiência do transporte acaba afetando principalmente quem depende dele para realizar suas atividades cotidianas.

Na **educação pública**, também exis-

Jacarepaguá aos 432 anos: um bairro que celebra, mas também luta



Fórum Popular de Jacarepaguá na luta em defesa da região.
Reunião dia 17 de outubro, 10h, na Casa de Cultura de Jacarepaguá.

tem desafios importantes. Escolas com estrutura insuficiente, falta de investimentos e dificuldades para atender uma população numerosa prejudicam estudantes, professores e funcionários. A educação deveria ser uma prioridade para garantir melhores oportunidades às novas gerações de Jacarepaguá.

Outro problema que preocupa a população é o **saneamento básico**. A ausência ou precariedade de serviços de coleta de esgoto, drenagem e manejo adequado dos resíduos pode provocar alagamentos, doenças e impactos ambientais. Os rios, canais, lagoas e áreas verdes da região sofrem diretamente com a ocupação desordenada e a falta de infraestrutura.

Ao mesmo tempo, o avanço da **especulação imobiliária** e das ocupações irregu-

lares transforma rapidamente a paisagem. O crescimento urbano é importante, mas precisa acontecer com planejamento, respeito ao meio ambiente e garantia de infraestrutura para a população. Não basta construir novos empreendimentos: é necessário pensar em escolas, postos de saúde, transporte, saneamento, áreas de lazer e preservação ambiental.

A violência também está entre as preocupações dos moradores de Jacarepaguá. A insegurança afeta a rotina da população, o comércio e o direito de ir e vir, especialmente em áreas onde faltam iluminação, espaços públicos bem cuidados e políticas sociais. Diante desse cenário, os moradores reivindicam ações do poder público que combinem segurança, prevenção da violência, investimentos em educação, cultura, esporte e

oportunidades para os jovens, além de maior presença dos serviços públicos nas comunidades.

Mas Jacarepaguá não é apenas um território marcado por problemas. É também uma região de potencial enorme, com moradores organizados, movimentos sociais, iniciativas culturais, trabalhadores, comerciantes e coletivos que lutam diariamente por melhorias. Conhecer essas experiências é fundamental para compreender a verdadeira história do bairro.

Neste aniversário de 432 anos, a pergunta que fica é: que Jacarepaguá queremos construir para os próximos anos?

A resposta não depende apenas dos governos. Ela também passa pela participação dos moradores, pela organização comunitária e pela capacidade de cobrar políticas públicas que atendam às necessidades reais da população.

Comemorar Jacarepaguá é valorizar sua história e sua cultura. Mas também é defender o direito de seus moradores a uma cidade mais justa, com transporte digno, educação de qualidade, saneamento, moradia adequada, preservação ambiental e oportunidades para todos.

Jacarepaguá tem 432 anos de história. Que os próximos anos sejam também de conquistas construídas pela luta de quem vive aqui.



Jacarepaguá é terra Tupinambá

A ausência dos indígenas na história de Jacarepaguá nos leva a procurá-los nos relatos de cronistas e viajantes no início da colonização do Rio de Janeiro, entre os séculos XVI e XVII. Os sítios arqueológicos, que poderiam dar testemunho da ocupação indígena, foram “apagados” pela ação colonial, gerando, desta forma, um vazio historiográfico, o qual os pesquisadores procuram identificar e mapear, tanto no campo arqueológico como no histórico. Entretanto, não é tarefa fácil encontrar esses vestígios, perdidos no meio de uma documentação arquivista que os descaracteriza e miscigena, trazendo, com isso, uma imensa invisibilidade.

Atualmente, pesquisas sobre histórias locais apresentam diferentes estratégias para preencher lacunas que contribuíam de forma efetiva para o resgate da história do Brasil. É nesse sentido que esse capítulo se insere, objetivando fazer notável a presença indígena na história de Jacarepaguá, sua contribuição nas denominações geográficas, na abertura de caminhos, na domesticação de plantas e animais, como força de trabalho nos engenhos, entre outros. Em particular, pelo fato de ser um bairro cujo nome tem origem no tupi-guarani, significando “lagoa rasa dos jacarés”.

Os Tupinambás em Jacarepaguá

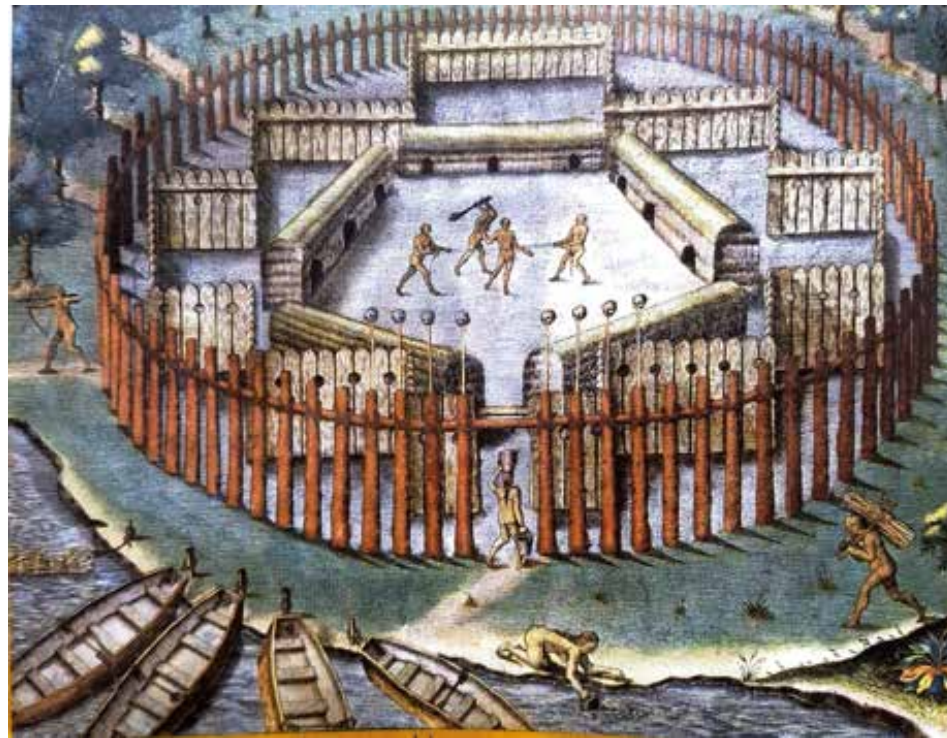
De acordo com estudos arqueológicos, os primeiros povos que ocuparam a lagoa de Jacarepaguá - que compreendia desde a atual Barra da Tijuca até Irajá - foram os sambaquieiros. Os sambaquis, que dão nome a esses agrupamentos humanos, são amontoados de conchas, ossos e artefatos localizados próximos ao mar e lagoas, encobertos por areia e vegetação, que abrigam a cultura material e trazem pistas do modo de viver de tais grupos.

Posteriormente, esses povos se espalharam por todo o território, transformando-se em ceramistas e se autodenominando tupinambás. Quando de sua chegada ao Rio de Janeiro, os portugueses adotaram a denominação tamoiós, nome pelo qual essa etnia era chamada por seus inimigos¹.

Os tupinambás viviam em aldeias, também chamadas de tabas, que eram unidades políticas com autonomia e comandadas por um líder, que recebia a denominação de morubixaba, cacique ou tuxaua. Essas aldeias tinham em sua maioria de quatro a oito malocas com formas retangulares, pátio interno para festas, rituais e assembleias, com cercas de proteção englobando todas as malocas. (Fig. 1)

Das aldeias mapeadas no século XVI, Takûarusutyba e Okaranti eram as maiores em termos populacionais e territoriais. Ficavam no interior do Rio de Janeiro.² Okaranti estaria localizada onde hoje estão os bairros de Bangu até Seropedica e Takarûsutyba onde estão os bairros da Freguesia, Pechincha, Curicica, Tanque e Taquara.

Os tupinambás domesticaram mui-



(Fig. 1) Um dia comum numa aldeia tupinambá (Théodore de Bry, Sec. XVI)

tas plantas e animais. Além da caça e pesca, eles desenvolveram práticas de agricultura e cerâmica. Milho, mandioca, batata-doce, amendoim e tabaco eram alguns dos gêneros alimentícios plantados, assim como o algodão, usado para confecção de redes e plantações de árvores frutíferas ao redor da aldeia.

A prática da antropofagia era comum esses povos que tinham a guerra como uma forma de sociabilização. Os rituais antropofágicos tinham grandes valores simbólicos para os povos indígenas, tanto que os jesuítas compararam com o ritual católico da santa Ceia, que para eles é o corpo e o sangue de Jesus Cristo.

Segundo o antropólogo Pierre Clastres, para os indígenas “o mundo que os rodeia não é um mero espaço neutro, senão a prolongação viva do espaço humano”, sendo assim, ao se alimentarem do corpo de outro indivíduo, seja em ritos de passagem para a fase adulta ou na ritualística de guerra, era um processo profundamente sagrado e respeitoso com os inimigos, prolongando sua vida em seus corpos e incorporando suas qualidades que foram tidas como dignas. A religião indígena entende todo ser como parte de um todo mutável constantemente. Não se morre, se transforma. Assim como um inimigo de guerra faz parte do próprio ser que ora se alimenta dele. Assim como quem morre de forma natural, vira um “encantado”, transformando-se em animais e vegetações que servirão de alimentos também, num ciclo de vida e morte onde o espírito está presente em tudo e em todos como um único ser.

Tinham grande conhecimento de astronomia, prevendo chuvas e marés altas através da observação do Sol, Lua e estrelas e usavam o calendário lunar para agricultura e para contagem do tempo. Também eram conhecedores do que hoje temos como ecologia, fazendo hibridações genéticas e classificando toda a botânica e zoologia da Mata Atlântica,

não ficando aquém da ciência produzida na Europa quinhentista.

Exemplo disso foi o relato dos cientistas Von Martius e Spix, que estiveram no Brasil no século XIX para estudar a Botânica e Zoologia locais: “a denominação dada pelos índios a diversos macacos e a certas palmeiras foi para nós um guia na investigação dos gêneros e espécies, pois quase cada espécie tem um nome indígena próprio” (1818).

Sendo assim, fica evidente que, sem o conhecimento dos povos indígenas, nenhum europeu sobreviveria, não teriam o que comer e nem se estabeleceriam. Em um território como o Rio de Janeiro, disputado por franceses e portugueses, os indígenas foram fundamentais como soldados, guias e hospitaleiros.

Os franceses foram os primeiros a chegar na região em meados do século XVI (por volta de 1555), buscando refúgio dos conflitos entre católicos e protestantes na França, se aproveitando do fato de que os portugueses (a quem o território “pertencia”, pelo Tratado de Tordesilhas³) ainda não o tinham ocupado.

Liderados por Villegaignon, ocuparam algumas das ilhas da Baía de Guanabara e nomearam a região de “*França Antártica*”. Ao saberem da notícia, os portugueses vieram da Bahia (onde plantavam cana de açúcar) para retomar a terra. Ao chegarem, tiveram de enfrentar não somente os franceses, como também os indígenas, com suas guerras intertribais, pois tais povos tinham a guerra como uma forma de sociabilização e a vingança e a morte cerimonial como elementos centrais em sua cultura.

Como em todo Pindorama⁴, não havia

3 Tratado de Tordesilhas: Foi um acordo realizado em 1494 entre Portugal e Espanha, que dividiu o mundo conhecido em duas partes, através de uma linha meridiana imaginária.

4 Pindorama: Era o nome que os povos indígenas falantes do tronco linguístico tupi nomearam o Brasil, e significa terra da palmeiras.

“índios” e sim dezenas de povos inimigos e aliados. Os lados dos invasores europeus também foram escolhidos pelas negociações e trocas. Os tupinambás escolheram o lado dos franceses e acabaram perdendo a batalha final contra os portugueses pelo domínio do território, naquela que ficou conhecida como *Guerra dos Tamoios*.

O tronco linguístico tupi-guarani reunia mais de uma centena de línguas, e era o mais falado no litoral, inclusive pelos tupinambás moradores da bacia de Jacarepaguá. Conforme o avanço da colonização, franceses e portugueses aprenderam a língua para catequizar e fazer trocas comerciais.

Foram esses povos, assim como outros povos da Guanabara, que nomearam morros, rios, lagoas, animais e tiveram contato com portugueses e franceses na formação do Rio de Janeiro. Os caminhos desbravados, as demarcações de sesmarias (grandes extensões de terras doadas a particulares para a implantação de engenhos de cana de açúcar) e os nomes de locais foram designados por eles; muitos desses nomes, inclusive, se fazem presentes até a atualidade.

Logo, podemos pensar que a força de trabalho indígena foi utilizada no desbravamento e nas obras dos engenhos posteriormente. A ocupação colonial portuguesa iniciou-se primeiramente com os aldeamentos das ordens religiosas e posteriormente repartido em doações de sesmarias a particulares. Esse recorte em sesmarias passava por dezenas de aldeias, obrigando os indígenas a formarem alianças na tentativa de manutenção de seus territórios.

Isso, infelizmente, não impediu sua escravização, como justificou em seu relato o religioso Gregório Serrão, reitor do Colégio Jesuíta no Rio de Janeiro: “...porque não há gente de trabalho nestas partes para alugar o jornal⁵, nem os materiais se acham de compra, nos é necessário temos (*sic*) muita escravaria e a gente da terra governada e mantida de nossa mão.” (1529-1586).

Chamados de *negros da terra*, os indígenas eram a população disponível e conhecedora do território para a implementação dos engenhos de açúcar. Assim, foram submetidos ao trabalho compulsório, ou de repartição, como era chamado o trabalho utilizado pelas ordens religiosas e por agentes governamentais, e que era análogo à escravidão.

Outra forma de trabalho era o doméstico, cujo pagamento era em sua maioria por meio de alimentação e objetos como roupas e utensílios, entre outros. Porém, não se pode descartar as trocas comerciais entre portugueses, franceses e tupinambás e o poder sobre o território que esses povos indígenas detinham no início da colonização.

Conhecer a nossa história é a melhor maneira de valorizar nossas raízes e respeitar todo conhecimento transmitido ao longo dos séculos pelos povos indígenas! Anauê, Jacarepaguá! Terra de Tupinambá.

5 Jornal: Pagamento da jornada de trabalho por meio de salário em dinheiro ou com mercadorias.

1 Tamoio (ou *tamuia*) vem do tupi e significa “avós”, “mais velhos” ou “antepassados”. Eram assim chamados por um grupo de tupinambás mais novos (os *temiminós*: “mais novos” ou “netos”) que saiu da aldeia e se aliou aos tupiniquins, seu principal inimigo.

2 Silva, Rafael de Freitas da. “O Rio antes do Rio” Ed. Relicário. BH. 2021. P.160



Cíntia Travassos
Produtora

Entre livros e bonecas, Luciliane Tomé transforma histórias em encontros

Mediadora de leitura, artesã, bonequeira e contadora de histórias, moradora da Taquara há 28 anos une literatura e cultura por meio do projeto Literatura com Bonecas

Por trás de cada boneca de pano confeccionada por Luciliane Tomé existe uma história. Mediadora de leitura, artesã, bonequeira e contadora de histórias, ela encontrou na literatura e no artesanato uma maneira de aproximar pessoas dos livros e valorizar diferentes culturas.

Licenciada em História, Luciliane nasceu na Ilha do Governador, mas vive na Taquara há 28 anos. Desde criança, mantém uma relação de afeto com a leitura, com as histórias e com as bonecas de pano. Ao longo da vida, essas paixões se encontraram e deram origem a um trabalho que tem a literatura como principal instrumento de transformação.

Foi assim que nasceu o projeto **Literatura com Bonecas**. Nas atividades, Luciliane realiza contações de histórias afro-brasileiras e indígenas utilizando bonecas de pano produzidas por ela mesma. Os personagens confeccionados artesanalmente ganham vida durante as narrativas e ajudam a criar uma experiência lúdica e afetiva para o público.



Fotos: Raquel Canella

Luciliane esbanjando carisma em uma sessão fotográfica no evento Piquenique Fotográfico promovido por Raquel Canella



Luciliane fazendo uma contação de histórias com as bonecas Abayomino. Evento Piquenique Fotográfico

Além das contações, a artista atua na mediação de **Rodas de Leitura Afetiva**, promovendo momentos de convivência e aproximação com os livros. Para ela, ler vai além do contato com as palavras: é também uma forma de criar vínculos, despertar memórias e ampliar possibilidades.

Atualmente, Luciliane é colaboradora literária na **Casa de Cultura de Jacarepaguá**, onde participa como mediadora do Café Literário e do Clube do Livro. O trabalho reforça sua dedicação à formação de leitores e à democratização do acesso à literatura.

Sua trajetória é guiada pelo desejo de fazer com que os livros cheguem a diferentes públicos e ocupem espaços de encontro e acolhimento. Entre páginas, tecidos, linhas e personagens, Luciliane transforma a leitura em uma experiência que envolve imaginação, memória e afeto.

"Ler fez tanto bem para minha vida!", afirma Luciliane, em uma frase que sintetiza a importância da literatura em sua trajetória.

Seu trabalho pode ser acompanhado pelo Instagram, no perfil **@luciliane**.



Pablo das Oliveiras
Professor & Poeta

A Casa Crônica

No ano de 2020, o mundo adotou um protocolo para a vida e disse muito em poucas linhas, para o entendimento ser rápido e a adesão imediata contra o vírus. A mortal calamidade foi declarada como Pandemia da Covid-19, determinando o isolamento das pessoas em casa, até a descoberta da panaceia para o mal.

Um ano antes, eu havia dividido minha casa, na Freguesia, fechando uma porta e instalando uma pia estratégica, numa quitinete para alugar. Eu continuei morando ao lado; ainda assim, o *lockdown* chegou invadindo tudo. Praticamente, eu falar mais com Rudá, que respondia miando: durante o afastamento escolar, nossa comunicação se tornou mais próxima e inteligível. Com as crianças da escola, o tempo e o lugar eram outros, e ponte para os vínculos de afetos era o aplicativo digital no celular. Naquele momento, quando quase tudo eram tentativas, eu consegui elaborar uma comunicação dialética cabível numa rede de conversa digital.

Pelas mídias digitais, Zélia Batista e demais 'compas' mobilizaram apoios e recursos para formar um coletivo de mulheres da Cidade de Deus de produção de máscaras



Colagem digital: Pablo das Oliveiras

de barreira, distribuição de cestas de alimentos, às famílias em situação de vulnerabilidade do território. Logo percebemos a importância agregar livros para as crianças, como mais um alimento. Durante o caos pandêmico, o padrão de comunicação digital impôs-se como "mídia" de sociabilidades entre familiares, amigos e trabalhos online, passando a ditar os modos de produzir, perceber e manifestar opiniões a respeito de si mesmo, do outros e do mundo, com narra-

tivas de fatos e ou boatos, Na socialização sem presença, sem lugar nem tempo físicos, o algoritmo espelha visibilidades desejáveis.

O meu rádio ligado foi também um apoio para manter os pés no chão, às vezes, era como uma terceira pessoa com quem eu trocava e confrontava ideias em silêncio. Selecionando as notícias e ouvindo músicas, criei estratégias para sobreviver emocionalmente. Atravessar a quarentena e a pandemia em casa, com segurança e emprego ga-

rantido foi um privilégio, enquanto os riscos eram terceirizados para mulheres e homens em trabalhos precarizados, rebatizados como "delivery", "lockdown" e "novo normal" — serviços e condições aos quais eu não aderi. No entanto, fui mobilizado à quietude para de ler e escrever, e escrevi muito. Talvez por isso eu tenha transitado pela *Caverna da Internet** sem ficar aprisionado nela.

Nós que sobrevivemos ao vírus da Covid, agora lidamos com a síndrome pós-pandemia, mesmo assolando o nosso dia a dia, permanece invisibilizada. Sozinho em casa, eu mudei; o mundo mudou. O século 20 foi definitivamente superado pelo século 21. E eu sinto que envelhecer não é uma afronta, mas um aprendizado e a dignidade com que minha mãe envelheceu foi admirável. Entendi que precisava agradecer à casa que nós construímos e onde vivemos felicidades...

Agradei maturando meu desapego e dela me despedi, definitivamente. Eu arrumei as malas, reuni as lembranças, resguardei as memórias. Mais uma vez troquei de pele, deixei o casulo, alarguei minha carapaça e atravessei a Serra Grajaú-Jacarepaguá... Abrindo as asas... Alçando voo... Pousando mais leve. Porque a gente envelhece, porém a vida é breve.

*Fabulação: 10 contos narrados pela olhar da menina Bebel, nos seus dias de quarentena.

Texto: Pablo das Oliveiras
Performance narrativa: Maria de Lourdes da Silva

Sobre este artigo

Esta crônica integra as ações de registro e salvaguarda do patrimônio afetivo da Cidade de Deus. O texto foi inspirado na primeira roda de escuta e memória com idosas da comunidade.

• Iniciativa:

CEACC, Casa de Cultura Cidade de Deus e Casa de Santa Ana

• Suporte científico e metodológico de pesquisa-ação:

Coletivo de Pesquisa Construindo Juntos

• Anfitriã de Lançamento:

Casa de Santa Ana

• Autor e Pesquisador:

Wellington de Moraes França

Créditos: Wilson Freitas



O Vento que Faz a Curva na Cidade de Deus

***Por Wellington França**

Sala quieta. Raios de sol cruzam as janelas e pousam nas poltronas floridas.

Sentadas em círculo, mulheres com idades no entorno dos sessenta, outras quase centenárias, recém-saídas da ginástica semanal e de um afetuoso café preparavam-se para dar início a algo maior: a primeira grande partilha de memórias da Cidade de Deus. A ONG, que há anos funciona como um porto seguro diurno para as idosas do território, parecia prender a respiração. A confraternização com o lanche aos poucos cede lugar a um silêncio grávido de expectativas. Aquela não era apenas mais uma terça-feira comum; era a manhã em que o passado pediria licença para ser dito em voz alta.

O silêncio, descortina-se pelo barulho metálico de um instrumento artesanal que parecia ter saído de um túnel do tempo. Nas mãos do animador da roda, reluzia um objeto de arte: a engenhoca feita de pedaço de cabo de vassoura cravado de pregos e tampas amassadas de garrafa de vidro, herança viva de uma antiga aula de Educação Artística na escola primária outrora Juliano Moreira, hoje, Dorcelina Gomes em homenagem à uma das suas mais antigas merendeiras, ganhou uma inédita função ali. Embora a oficina de percussão das idosas acontecesse em outro dia da semana, o ritmo já estava no ambiente. Assim, naquele momento, o instrumento simula um microfone. Quem o segurasse, passava a ter o direito sagrado da palavra e do tempo.

O mic improvisado chacoalhou as tampinhas uma última vez antes de pousar nas mãos da primeira idosa. Ao segurar o cabo de vassoura, os olhos dela pareciam enxergar através das janelas ensolaradas, buscando uma Cidade de Deus que não existe nos mapas de hoje. A voz começou mansa, trazendo de volta o tempo em que o asfalto era chão de terra batida e o entretenimento dependia da imaginação. Falou de um lugar onde as calçadas pertenciam ao pique-esconde, queimado, amarelinha e bolas de gude. telefones feitos de barbante e lata. Latas de sardinha emendadas, viram pequenos vagões de trem e latões se fazem de tambores nos carnavais de rua. O silêncio da sala se fez ainda mais terno quando ela resgatou as

Uma crônica afetuosa sobre a primeira roda de memórias das idosas da Cidade de Deus, tecida entre o café da manhã e o resgate da história oral do território.



tardes dedicadas a caçar joaninhas e ao cair da noite, vagalumes. Seu relato engatilhou em outros presentes, grilos acolhidos em caixas de fósforos, captura de rãs e pesca de barrigudinhos no Rio Grande. Colheita das Taiobas como reforço na comida misturada aos espetinhos de tanajura. Os chás de ervas colhidas pela mãe às margens dos rios locais, erva cidreira e capim santo. Bastou a primeira lembrança para que o círculo de poltronas floridas ganhasse vida. As vozes começaram a se entrelaçar, uma completando a frase da outra, rindo juntas e costurando os retalhos daquele passado comum.

Cada vez que o microfone artesanal trocava de mãos, a sala parecia encolher o mundo e expandir o tempo. Vieram os “Chifrudos” alusão aos ônibus elétricos da CTC. O “Cata-mendigo” referente aos ônibus da Redentor que faziam as linhas circulares entre CDD e Freguesia.

O senhor, antigo trabalhador do mercado, Três Poderes relembrou quando as doações de legumes enchiam caldeirões para sopões comunitários. Ele que em outra ocasião desafiou a morte após ter sofrido um atentado. Sobreviveu para virar o jogo e se tornar uma referência viva no futebol local e profissional. O corpo que resistiu à violência, relata confiante: “agora também sou conhecido como O Zezé do CEACC!”

Logo depois, a rota da memória viajou milhares de quilômetros. A jovem senhora Lourdes, gestora da Casa de Santa Ana, nossa anfitriã, ela com nome de origem francesa que muito preza, contou que veio lá do sertão da Paraíba, “de onde o vento faz a curva”, na carroceria de um pau-de-arara, confessou que, naquela travessia poeirenta, jamais ouaria sonhar que um dia veria seus descendentes nascendo no frio da Noruega. A fome da viagem nordestina abriu espaço para a fome de saudade de outro presente, Seu Luiz Presidente da Casa Cult CdD, que resgatou os cheiros e os sabores de uma Bahia e de um Nordeste que parece estarem sumidos do mapa - comidas típicas e temperos lentos que a tal pressa contemporânea, hoje ditada por algoritmos, já não sabe fazer.

A atmosfera na sala mudou de tom no primeiro sopro da última voz. “Eu não tive infância”, disse a senhora, quebrando a leveza anterior com a crueza de uma verdade nua. Vinda da roça com uma família sem estudo, sua rotina de menina ignorou as brincadeiras; restava-lhe apenas trabalhar dia e noite. Lembrou-se de quando tentava estudar, mas o cansaço vencia e ela dormia sobre os livros na escola. Contou sobre os insultos, as dores e as discriminações que engoliu ao longo da jornada. Mas não havia autopiedade em seu tom, apenas o orgulho de quem, juntando

centavo por centavo do suor de seu trabalho, conseguiu realizar o maior sonho de sua vida: comprar a sua própria casa, ali mesmo, na Cidade de Deus.

Sob os raios de sol daquela manhã de terça-feira, a sala mergulhou em um silêncio reverente. A Cidade de Deus, tantas vezes narrada pelo olhar da pressa e da violência das notícias, ali se refazia pela ótica do afeto, do triunfo e da diversidade. Aquelas pessoas não eram apenas sobreviventes. Enquanto o microfone artesanal descansava, ficava o eco da maior lição daquele dia: a história viva daquele território pulsa guardada no peito de quem transformou terra batida em lar, fincou alicerces onde o vento faz a curva e transformou suas cicatrizes em vitória.

Nota de Agradecimento e Patrimônio Afetivo:

Esta crônica não existiria sem a generosidade, os sorrisos e a partilha de memórias das idosas da Casa de Santa Ana na Cidade de Deus, cujas trajetórias de vida e relatos orais foram a matéria-prima e a verdadeira inspiração para este texto. A autoria literária é de Wellington França, mas a memória viva pertence ao território.

*** Autor e Pesquisador**

